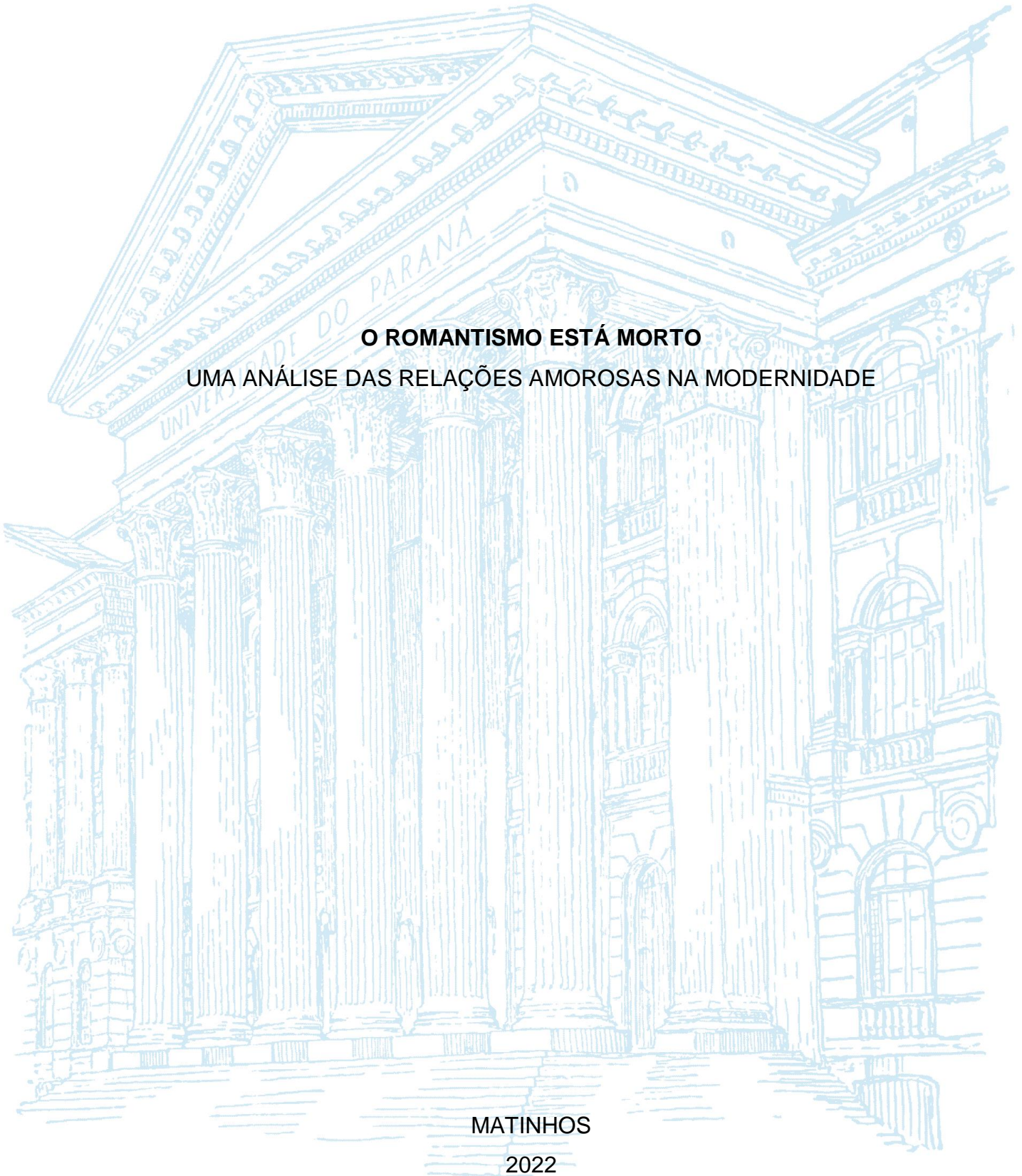


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NATÁLIA DE ARAUJO RIBEIRO

**O ROMANTISMO ESTÁ MORTO
UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES AMOROSAS NA MODERNIDADE**



MATINHOS

2022

NATÁLIA DE ARAUJO RIBEIRO

O ROMANTISMO ESTÁ MORTO

UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES AMOROSAS NA MODERNIDADE

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em Linguagem e Comunicação, da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, como requisito à obtenção da nota/presença no TCC II.

Orientador(a): Prof. Dr. Fábio Messa.

MATINHOS

2022

Claro que há uma química da paixão representada pelos hormônios. Mas a verdade é que o amor continua sendo um mistério não decifrado pela medicina. E é bom que seja assim. Sem o mistério do amor a vida não teria graça.

(Moacyr Scliar)

RESUMO

Este trabalho se dispõe a refletir sobre como estamos lidando com os nossos relacionamentos afetivos, apresentando pontos de vista de diferentes autores, romancistas e ensaístas como Zigmund Bauman e Wolfgang Goethe. A partir destes referenciais, levantamos a pauta de como as redes sociais têm modificado a forma dos relacionamentos, promovendo atitudes antissociais, individualistas e narcisistas. Além disso, também refletimos sobre a monogamia.

Palavras-chave: Romantismo; amor; relacionamentos; modernidade; monogamia.

ABSTRACT

This work aims to reflect on how we are dealing with our affective relationships, presenting points of view of different authors, novelists and essayists such as Sigmund Freud and Wolfgang Goethe. From these references, we raise the agenda of how social networks have modified the form of relationships, promoting antisocial, individualistic and narcissistic attitudes. In addition, we also reflect on monogamy.

Key-Words: Romanticism; love; relationships; modernity; monogamy

OBJETIVOS

- Refletir sobre como estamos lidando com o fator relacionamento;
- Depreender algumas teses de autores como Zigmund Bauman e WolfgangGoethe;
- Explanar sobre como as redes sociais modificaram a forma dos relacionamentos;
- Refletir sobre a monogamia.

JUSTIFICATIVA

A realização desta pesquisa nada mais é do que um convite para analisar, refletir e observar a maneira como estamos nos relacionando amorosamente. Para chegarmos até aqui, houve um longo caminho de convenções que foram sendo reestabelecidas com o passar dos séculos. E olhando para trás conseguimos caminhar ao progresso, digamos, no sentido de refletir o que é ou não é aceito, para onde chegamos e tudo que aprendemos.

METODOLOGIA

A pesquisa a ser realizada neste trabalho pode ser classificada como bibliográfica e documental. Isto porque a pesquisa em mãos será realizada de forma exploratória, descritiva e explicativa. Quanto à metodologia do trabalho, faz-se a opção pela abordagem comparativa e/ou contrastiva, por compreender a realidade por meio de aproximações de circunstâncias cotidianas e entre alguns autores citados. Enquanto ao procedimento do trabalho, será realizado por meio de pesquisa qualitativa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
INTERTEXTO.....	11
1 O que é romantismo?.....	15
2 As relações modernas, a ideia de amor romântico e monogamia.....	16
3 O verbo “Ficar”.....	21
4 Por que amamos? Os tipos de amor, evolução como espécie e como chegamos à monogamia.....	22
4.1 Neurociência.....	24
4.2 Evolução.....	25
4.3 Cultura.....	26
CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS.....	31
BIBLIOGRAFIA.....	32

INTRODUÇÃO

Como a modernidade tem alterado a nossa forma de nos relacionar? Há quem diga que estamos melhores que antigamente. O importante é caminharmos para uma evolução de acordo com a época. Para o escritor alemão Goethe, o amor romântico era / podia ser prejudicial e abusivo. Já Zygmunt Bauman, com seu mundo líquido, dizia que a grande angústia das pessoas seria a fluidez moderna. E como falar de relacionamentos sem falar de amor ou paixão? Não podemos. Um anda de mãos dadas com o outro. E o que seriam essas palavras tão faladas e tão comuns, e ao mesmo tempo tão difíceis de lidar e explicar. Alguns podem dizer que “o amor não tem explicação”. Já a neurociência calcula que a paixão seria uma distorção da realidade capaz de encadear nossa mente. O romantismo pode mesmo ser uma edificação social, mas isso não é tudo. Existe uma razão evolutiva para que o romance seja um pedaço tão significativo da nossa psicologia. E, para entendê-la, devemos observar o passado da espécie humana.

INTERTEXTO

A autora Rebeca Fuks, Doutora em Estudos da Cultura, resenhou o texto *O Banquete*, de Platão. Queremos inicialmente apresentar alguns tópicos essenciais dessa resenha

Apolodoro deseja saber como ocorreu o encontro na casa de Ágaton, o banquete reuniu uma série de figuras ilustres da sociedade grega e, por isso, despertou tamanha curiosidade.

Ágaton sai vencedor de um concurso de tragédias. No dia da entrega do resultado, as cerimônias da vitória reuniram uma multidão, por isso, na noite a seguir, Ágaton decidiu oferecer um jantar com os mais próximos para celebrar a ocasião.

O banquete acaba por se tornar uma espécie de competição em que cada intelectual presente tece um discurso para elogiar o amor. *O Banquete* é, além de um texto literário, dramático e filosófico, ao mesmo tempo, uma homenagem à Sócrates, mentor de Platão.

Durante a noite do banquete são apresentados seis discursos definidores sobre o amor.

Discurso proferido por Fedro.

O primeiro discurso da noite é realizado por Fedro e trata da natureza do amor e dos seus benefícios. Para Fedro, Eros (Deus do amor) é o mais antigo dos deuses e a causa dos maiores bens que se veem na terra. Ele dá ao amor um lugar central, de protagonismo absoluto.

Segundo o intelectual, o amor é um sentimento que desperta o que há de melhor no ser humano, as suas virtudes. Seu discurso nada mais é do que um enorme elogio ao amor [...]:

"eu afirmo que o Amor é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte".

Discurso proferido por Pausânias.

Quem o segue é Pausânias, amante de Ágaton, que afirma que a fala de Fedro foi uma simples prescrição de um elogio ao Amor. E tenta, através do seu discurso, corrigir a falta do companheiro.

Para Pausânias não existe um Eros, mas na realidade dois - de fato, eram Afrodite Urânia e Afrodite Pandêmia (vulgar, carnal) – distinção revelada a Sócrates. Ou seja, segundo o amante de Ágaton existem duas formas de amor: a etérea e a carnal. A etérea conduz as ideias e é, por isso, a mais bela.

“Se, portanto, uma só fosse esta, um só seria o Amor; como, porém, são duas, é forçoso que dois sejam também os Amores. E como não são duas deusas? Uma, a mais velha sem dúvida, não tem mãe e é filha de Urano, e a ela é que chamamos de Urânia, a Celestial; a mais nova, filha de Zeus e de Dione, chamamo-la de Pandêmia, a Popular. É forçoso então que também o Amor, coadjuvante de uma, se chame corretamente Pandêmio, o Popular, e o outro Urânio, o Celestial”.

Discurso proferido por Erixímaco.

A terceira fala é a do médico Erixímaco que, devido à sua profissão, defende o amor saudável, com equilíbrio e moderação. Ele afirma estar de acordo com as ideias de Pausânias sobre a dualidade do amor, mas acha que este não deu conta da ideia e, por este motivo, as suas palavras são uma tentativa de pôr um arremate.

“Ora, eu começarei pela medicina a minha fala, a fim de que também homenageemos a arte. A natureza dos corpos, com efeito, comporta esse duplo Amor; o sadio e o mórbido são cada um reconhecidamente um estado diverso e dessemelhante, e o dessemelhante deseja e ama o dessemelhante. Um portanto é o amor no que é sadio, e outro no que é mórbido”.

Para Erixímaco, portanto, a arte do amor é a arte do equilíbrio e da manutenção saudável das forças do bem e do mal.

Discurso proferido por Aristófanes

Quem toma a palavra após o médico é o dramaturgo Aristófanes.

Seu relato conta uma breve história, segundo o escritor na humanidade havia três gêneros: o masculino, o feminino e um terceiro, andrógino. Esses seres eram inteiramente autossuficientes, até que os deuses resolveram parti-los ao meio,

dessa forma eles estariam condenados a infelicidade eterna por não serem mais completos. Zeus proferiu as seguintes palavras:

“Acho que tenho um meio de fazer com que os homens possam existir, mas parem com a intemperança, tornados mais fracos. Agora com efeito, continuou, eu os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós, pelo fato de se terem tomado mais numerosos; e andarão eretos, sobre duas pernas. Se ainda pensarem em arrogância e não quiserem acomodar-se, de novo, disse ele, eu os cortarei em dois, e assim sobre uma só perna eles andarão saltitando.”

O resultado foi trágico: desde a condenação que a nossa natureza mutilada em duas ansiava por sua outra metade.

Discurso proferido por Ágaton

O quinto discurso é o do poeta trágico Ágaton, o vencedor do concurso e dono da casa, que usa seu discurso para fazer belos jogos de palavras. Segundo o poeta, Eros, o amor, seria o mais jovem entre todos os deuses e seria marcado pela sua beleza, pela sua virtude e pela sua superioridade em relação aos seus pares.

“Digo eu então que de todos os deuses, que são felizes, é o Amor, se é lícito dizê-lo sem incorrer em vingança, o mais feliz, porque é o mais belo deles e o melhor. Ora, ele é o mais belo por ser tal como se segue. Primeiramente, é o mais jovem dos deuses, ó Fedro”.

Discurso proferido por Sócrates

O discurso a seguir, o mais aguardado da noite, é o de Sócrates, considerado o mais sábio dos homens. Logo a partida Sócrates desbanca todas as falas que o antecederam e afirma que, na sua percepção, o amor é desejo e nós só desejamos aquilo que não possuímos.

“Observa bem, continuou Sócrates, se em vez de uma probabilidade não é uma necessidade que seja assim, o que deseja, deseja aquilo de que é carente, sem o que não deseja, se não for carente. É espantoso como me parece, Agaton, ser uma necessidade; e a ti?

Por esse motivo o amor é, antes de tudo, carência e procura, busca por aquilo que não temos”.

Ao contrário daqueles que omitiram as suas opiniões anteriormente, para Sócrates o amor não seria um deus e sim uma entidade intermediária entre os homens e os deuses.

Discurso proferido por Alcibíades

Quem por último intervém é Alcibíades, que dedica as suas palavras única e exclusivamente para louvar Sócrates e o discurso feito anteriormente:

"Tu, porém, dele diferes apenas nesse pequeno ponto, que sem instrumentos, com simples palavras, fazes o mesmo. Nós pelo menos, quando algum outro ouvimos mesmo que seja um perfeito orador, a falar de outros assuntos, absolutamente por assim dizer ninguém se interessa; quando, porém, é a ti que alguém ouve, ou palavras tuas referidas por outro, ainda que seja inteiramente vulgar o que está falando, mulher, homem ou adolescente, ficamos aturdidos e somos empolgados. Eu pelo menos, senhores, se não fosse de todo parecer que estou embriagado, eu vos contaria, sob juramento, o que é que eu sofri sob o efeito dos discursos deste homem, e sofro ainda agora. Quando com efeito os escuto, muito mais do que aos coribantes em seus transportes bate-me o coração, e lágrimas me escorrem sob o efeito dos seus discursos, enquanto outros muitíssimos eu vejo que experimentam o mesmo sentimento; ao ouvir Péricles porém, e outros bons oradores, eu achava que falavam bem sem dúvida, mas nada de semelhante eu sentia"

Após a fala de Alcibíades se encerra o diálogo presente no *O banquete*, que reúne seis inteiramente distintas versões sobre as propriedades e características do amor.

Então:

1. O amor é amor de algo
2. O amor é desejo do que não se tem
3. O amor deseja o Belo e o Bom

1 – O que é romantismo?

Sabemos que a palavra romantismo carrega mais de um significado, o movimento romancista e esse romantismo do senso comum, mas querendo fugir do óbvio e trazer essa definição:

“Dedicação a um ideal pelo qual vale a pena sacrificar o que se tem ou é; decisão de não negociar com o que se opuser a essa busca; desinteresse pela felicidade: o anseio é por outra coisa; indiferença diante dos padrões formatadores da sociedade e dos códigos todos; independência frente ao poder, desprezo pelo senso comum; decisão de lutar incessantemente pelo que importa, capacidade de suportar o martírio; opção pela minoria não pela maioria, idealismo em seu sentido mais comum; uma convicção interna que não cede aos argumentos banais, nem aos mais fortes (...), mesmo diante da acusação mais terrível: a de que essa convicção é loucura; uma das hastes leves do frágil tripé romantismo-revolta-revolução; desejo de romper os limites estreitos da individualidade e do aqui-agora e expandir-se infinitamente e o contrário disso também: esgotar-se no aqui-agora, em si mesmo ou no grupo; a inexprimível delícia de brincar com a própria alma; ou de esquecê-la totalmente; energia vital mas também auto aniquilamento, suicídio, dandismo, exibicionismo, excentricidade, tédio, a morte na alma, o sursis, visões diabólicas, visões divinas, fidelidade ao detalhe tanto quanto a busca do oceânico indiferenciado; opacidade e obscurecimento como também deslumbramento; esquerda e direita; não aceitação do conhecimento como virtude, a criação de valores no lugar do estudo dos valores, a criação a partir do nada; operar sabendo que não existe o objeto, apenas o sujeito; o marginal, o exilado, o super-homem, a autenticidade existencialista, a certeza de que nada existe no mundo que possa amparar você e que você é responsável por tudo o que é ou possa ser e fazer; a recusa de uma estrutura metafísica para o universo, e o inverso; o mergulho no místico; o vazio como o grande dado, portanto a valoração do aqui-agora; a certeza de que os valores são muitos e incompatíveis; a noção de pluralidade e diversidade; o liberalismo; a recusa das teorias explicativas perfeitas e incontestáveis, recusa do determinismo, da razão da história; a certeza de imprevisibilidade do comportamento

humano, tudo isso e muito do que contraria tudo isso cabe na forma do romantismo, ao lado e por cima dos valores românticos banalmente descritos nos manuais de arte e literatura. Na opção por um resumo da essência do romantismo avançada por Isaiah Berlin, (...) é a vontade de fazer e a afirmação de que não existe uma estrutura imutável das coisas, e que, portanto é possível com elas fazer o que se decidir, quase; no mínimo, a certeza de que vale a pena tentar. À vontade e o homem como atividade (Lenz: é preciso agir, agir sempre), isso é o romantismo (...). Numa outra versão (...), é o reconhecimento e a convocação da vontade (as teorias formatadoras, unitaristas e integradoras convergentes, quase todas fundamentalistas, chamam a isso voluntarismo). Desdobrando desempacotando cultivando a vontade (que nos termos de hoje se poderia traduzir por exercer a escolha), romantismo é o homem como atividade continuamente se criando e recriando e não tão preocupado assim com a identidade, com sua identidade, ao contrário do que aparece descrito nas versões rudimentares do romantismo ou como aparece nos romântismos rudimentares e nas versões rudimentares das interpretações do romantismo. Homem não preocupado com isso porque sabe que a única coisa que existe e a única coisa que conta é o movimento. Essa é a sua autenticidade – que custa alcançar, custa enormemente a alcançar, num esforço diante do qual habitualmente se costuma considerar que é melhor entrar num compromisso: acertar um compromisso com a própria vontade, com a própria vida, com o costume; e ceder. O romantismo como atitude não simbólica, quer dizer não normativa, não generalizante e não abstrata; e atitude tampouco baseada no pragmatismo embora atitude que possa ter o pragmatismo como fim; o romantismo, antes, como atitude abduziva diante da vida e do mundo, uma atitude tipo pode ser, atitude icônica. Atitude mágica, no limite, caso se prefira que a palavra seja pronunciada – porque essa é a atitude da arte.”

Teixeira Coelho no posfácio de A obra-prima ignorada, de Balzac (Comunique, 141 págs.)

2 – As relações modernas, a ideia de amor romântico e monogamia

O romantismo morreu. Ou pelo menos foi o que ouvi de uma senhora na fila do banco, e ela com certeza não é a única que pensa assim.

Existe uma corrente de sociólogos modernos apontando como a tecnologia tem mudado a nossa forma de se relacionar, de como as relações humanas têm passado por um ponto de decadência. Ao mesmo tempo em que aplicativos como Happn, Tinder e até mesmo o WhatsApp facilitam que a gente fale com alguém sem o medo e a insegurança do encontro, eles também facilitam o contrário, fica mais simples acabar com uma relação sem precisar encarar o outro, de forma como se estivéssemos vivendo uma espécie de modernidade líquida em que os laços humanos são frágeis e o significado de amor já não é mais o mesmo.

O sociólogo Zigmunt Bauman deu nome a esse fenômeno de 'amor líquido'. E para entender o que ele quer dizer com isso, primeiro precisamos entender qual a definição clássica de amor, essa definição não corrompida pela tecnologia. Um bom começo para isso é a obra do poeta alemão Johann Goethe: *Os Sofrimentos do Jovem Werther*.

A obra teve grande impacto na época sobre a forma de pensar e sentir no mundo. É uma história meio autobiográfica do autor. Goethe trabalhava em um tribunal de justiça na época e teria se apaixonado pela noiva de um amigo, o personagem Werther, teria sido um reflexo desse sentimento.

Ele descreve os momentos dos personagens juntos com um romantismo muito poético, profundo e bonito de ler e até características das relações mais comuns, normais ganham uma camada de sentimento. Werther é um pintor que chega ao ponto de não conseguir pincelar mais nada, já que qualquer forma de expressão não seria digna do sentimento que tinha.

Não poderia desenhar nada agora, nem um traço, embora jamais tenha sido tão grande artista quanto agora (Os Sofrimentos do Jovem Werther, 1774).

Lindo não é mesmo? Mas o final da história é o completo oposto, ao ser rejeitado Werther acaba cometendo suicídio. Tamanha dor que foi perder aquele amor tão romantizado e forte que a única saída que encontra após ser rejeitado é a morte.

Foi um final bastante pesado e com a popularidade que o livro ganhou na época, serviu como gatilho para uma série de suicídios, a ponto de ganhar o nome de 'Efeito Werther' (sociólogo David Phillips, em 1974) esse fenômeno de um suicídio influenciar outros.

Hoje em dia é difícil imaginar uma história dramática e romântica desse jeito. Histórias de amor como a de Werther ou Romeu e Julieta de Shakespeare, assim

como várias outras são difíceis de conceber na modernidade líquida, assim chamada.

O que Bauman quer dizer com essa expressão é que nada é sólido no mundo moderno, as relações modernas estão marcadas principalmente pela efemeridade e insegurança.

É fácil se conectar, fazer amigos, mas o maior atrativo é a facilidade de se desconectar (Bauman, 1960).

Para conceituarmos as relações de bolso é preciso entender que elas remetem à duplicidade de querer se conectar a uma pessoa, aproveitando a segurança e o status que isso oferece, mas assim que ela causar algum custo à liberdade individual ou algum problema, por menor que seja, ou até mesmo não causar nenhum problema, ter a facilidade de se livrar, de se desconectar.

Essa fluidez do mundo moderno está diretamente ligada a sociedade de consumo, nosso sistema capitalista que trabalha com a troca, influência em nossas relações. Vivemos dentro de acordos e da mesma forma que trocamos qualquer aparelho por um melhor e que nos oferece mais funcionalidade, as relações seguem pelo mesmo caminho. Segundo Bauman o amor verdadeiro pode ser equivalente a morte. Cada chegada é sempre única e definitiva, não seria possível amar duas vezes, assim como não é possível morrer duas vezes.

Não se pode aprender a amar; tal como não se pode aprender a morrer (Bauman, 2003).

Obviamente muitas pessoas alegam ter se apaixonado mais de uma vez, e provavelmente se apaixonaram mesmo, mas a opinião do Bauman sobre isso é que, ao invés de as pessoas estarem atingindo padrões mais elevados de amor, esses padrões foram caindo, e de resultado o conjunto de experiências que enquadramos como sendo amor é muito amor que antes.

Mas o ponto é Bauman está completamente certo quando fala que a cultura do consumo alterou a forma como as pessoas se relacionam. Um exemplo disso é, a não muito tempo atrás no aplicativo Tinder tinha um botão “continuar passando”, isso não é muito diferente de um botão de “voltar para loja” depois de uma compra. Hoje esse botão foi retirado, mas o maior problema do Tinder continua lá, existe uma busca por autoafirmação dentro dele.

É comum dentro dos aplicativos de relacionamento as pessoas procurarem mais o reflexo de si mesmo do que um ser humano de verdade, essa maneira narcisista de se relacionar é um reflexo de insegurança do ego tentando se reafirmar através de outra pessoa.

No brilho ofuscante da pessoa escolhida minha própria incandescência encontra seu reflexo resplandecente (Bauman, 2003).

Isso acontece de forma inconsciente e chega ser bem difícil de evitar, mas o fato é que o amor não funciona dessa maneira. Relações reais e orgânicas acontecem entre pessoas diferentes e com visões de mundo e opiniões opostas, que mesmo assim, de alguma maneira, nos completam.

Não querendo colocar a culpa no Tinder, pode até ser que nós vivamos mesmo em tempos líquidos e que muitas relações possam ser narcisistas e coloquem as pessoas como produto, mas o modelo clássico de amor romântico também mostra um problema. Ele está ultrapassado e tem forte tendência a ficar abusivo, o próprio Goethe enxergou bem isso, no final do livro o comportamento do personagem Werther começou a ficar abusivo e o amor romântico mostra o lado possessivo e autodestrutivo que tem. O suicídio no final é a maior demonstração de falha nessa visão idealizada de uma relação.

O Goethe mostra ser contra o amor romântico. Na visão dele o amor romântico tenta congelar o tempo no momento em que tudo é leve e bonito na relação, criando uma expectativa que será para sempre assim, quando relações de verdade estão longe disso, vai ter peso, discussões e insegurança sempre quando se trata minimamente de duas pessoas juntas, talvez por esse motivo algumas pessoas procuram uma relação mais leve e não monogâmica.

Amar significa abrir-se ao destino, uma união de medo e prazer num amálgama irreversível (Bauman, 2003).

Mesmo que uma relação assim não se encaixe na definição de amor de Bauman, que necessariamente irá limitar a liberdade, pode ser sim uma boa experiência e um tipo de amor. Aposto que muitas pessoas já tiveram experiências sensíveis e reais dentro de um aplicativo. Se eles vão ser uma barreira para comunicação ou uma boa ferramenta, isso depende muito do que estamos procurando nele.

Quando falamos sobre monogamia, sabemos que, muito provavelmente, esse não era o único molde de relacionamento existente. Nas próprias aulas de história,

no ensino básico, estudava-se que até o cristianismo agir de forma dominante em quase todo o mundo, nós seguíamos relacionamentos poliamorosos.

No início do século XXI, percebemos que a monogamia está falindo, pouquíssimos casais possuem relacionamentos longos, duradouros e realmente monogâmicos, com ambas as partes cumprindo o combinado de fidelidade.

Mas quando falamos de monogamia, estamos falando de algo que não treinamos, principalmente no nosso tempo, que se chama: abrir mão. A partir do momento em que a dinâmica envolve duas pessoas se relacionando, seus desejos, anseios e vontades, nem sempre será sempre satisfeito no outro elemento da relação que não é você.

“Ao passo que a monogamia pode parecer negativa, por ser a ser o ato de abrir mão, ela também traz um ganho infinito que é: o reconhecimento ou a tomada de ciência que o outro ou nenhum outro, está aqui para nos satisfazer”. Rita Von Hunty

Abrir mão é saber escolher e deixar ir.

Se mantiver em uma relação monogâmica no século XXI, onde temos infinitas opções e poucas vezes temos que peneirar nossas escolhas, a monogamia vindo à contramão, nos faz lembrar que não se pode e nem se precisa ter tudo. Podemos sim ser felizes com pouco, mas acima de tudo precisamos primeiro aprender a escolher.

“Em vias gerais [...], a monogamia é uma receita de amadurecimento interpessoal. Quando você opta pelo caminho da monogamia, você está também está optando por se conhecer muito bem, conhecer suas necessidades muito bem e saber que elas não podem ser jogadas como carga em cima de outro alguém. [...] o relacionamento não monogâmico provém da ideia de que: eu não estou satisfeito aqui e buscarei satisfação em outra pessoa. Mas como a gente acabou de constatar, nossa satisfação independe da outra pessoa”. Rita Von Hunty

Ela também destaca:

“É importante destacar que estou longe de dizer que a monogamia é a receita para o sucesso, a gente sabe que muito pelo contrário, ela é infinitamente complicada. Mas aí fica a questão: Se é infinitamente complicada e tem tantos poréns, porque tanta gente se mantém em relacionamentos monogâmicos? A resposta venha talvez da nossa velha e conhecida mania de confundir felicidade com estabilidade.” Rita Von Hunty

É importante pensarmos se estamos realmente felizes ou apenas confortáveis.

3 – O verbo *Ficar*

Algo que vemos muito hoje em dia, ou até mesmo ouvimos falar é que “alguém ficou com alguém”, por isso considero que, em uma fala sobre relações modernas e amor líquido, não poderia faltar uma definição desse verbo e ato tão atual. Por isso trago a fala de Luís Mauro de Sá Martino, em uma de suas contribuições ao canal do Youtube Casa do Saber:

“Outro pensador que nos ajuda a entender o mundo contemporâneo, é um sociólogo polonês radicado na Inglaterra chamado Zygmunt Bauman. Bauman é um escritor bastante prolífico, ele tem trabalhos já desde os anos 60, 70, mas nos anos 90 ele começa a desenvolver uma ideia de que eu acho muito interessante para entender o mundo moderno, de que vivemos no que ele chama de modernidade líquida. E ele usa essa metáfora do líquido porque um líquido é algo que muda de forma o tempo todo, então ele não está jamais numa única forma ao mesmo tempo ele conserva algumas de suas características. É justamente esse paradoxo, esse conflito entre características que não mudam e uma mudança constante que ele usa a metáfora do líquido para explicar. E ele vai mostrar que a vida humana na contemporaneidade se caracteriza justamente por isso. Todos nós estamos o tempo todo vinculados a alguns componentes que não mudam ao mesmo tempo essas mesmas relações o tempo todo são forçadas ou são estimuladas a mudar são estimuladas a se transformar. Talvez um exemplo dessa modernidade líquida possa ser vista nos nossos relacionamentos pessoais, nos relacionamentos afetivos. Se você pegar um século, um século e meio atrás o casamento ou relacionamento era para toda vida, atualmente a própria noção de relacionamento já está muito mais fluida. Você pode casar, claro, mas além do casamento você pode simplesmente morar junto sem necessariamente aquele compromisso rígido, aquela rigidez pré moderna. Morar junto é um exemplo de modernidade líquida, mas o melhor exemplo talvez seja o verbo ‘ficar’, nada melhor do que ‘ficar’ para entender o que é modernidade líquida. No ‘ficar’ ao contrário do namoro, ao contrário do casamento, até ao contrário do morar junto, para ‘ficar’ você não precisa estabelecer nenhum vínculo mais profundo, se você ficou hoje não precisa necessariamente ficar amanhã, é um relacionamento então estamos dentro de uma permanência, mas

você não precisa criar um vínculo mais forte. Então esse conflito entre essa busca pela permanência e uma impermanência constante para ele é uma das grandes fontes de angústia do ser humano contemporâneo”.

4 – Por que amamos? Os tipos de amor, evolução como espécie e como chegamos à monogamia

Talvez já tenha passado na sua cabeça “porque nós amamos?” Parece algo simples, mas não. Eu e você sabemos que não. Digo ser algo confuso, ousado dizer que, ao ouvir essa pergunta, há uma confusão em nossos pensamentos, pois sabemos como é sentir, mas não sabemos explicar esse sentimento, não o racionalizamos, se é que um dia conseguiremos isso. Bom, a confusão começa com a linguagem, enquanto usamos uma ou duas palavras (amor, paixão) para definir o amor, os gregos tinham nove, cada uma com um significado bem distinto.

- **Ágape:** Muitos pensavam que essa palavra representava apenas o amor divino, incondicional, com autossacrifício, pela vontade e pelo pensamento, embora também possa ser praticado por humanos inspirados por esse sentimento, mas em grau bem inferior, obviamente, em função das imperfeições e limitações humanas.
- **Eros:** remete à palavra grega moderna “érotas”, com a sua significação de “amor romântico”. Entretanto, Eros não necessariamente evoca uma natureza sexual, embora muitas vezes esteja associado ao desejo, à atração física, ao prazer e ao sexo propriamente dito. O Eros pode ser interpretado como um amor a quem se ama mais do que o amor de philos, podendo também se aplicar a definição de relacionamentos afetivos propriamente ditos. Seria o amor entre os apaixonados.
- **Philia:** “amizade” no grego moderno, indica um amor virtuoso e desapaixonado. É o tipo de amor relacionado à amizade e companheirismo, onde não há a presença do Eros. É descrito como o amor entre amigos e irmãos.
- **Philos:** “confiabilidade”, “amado” ou “querido”, [...] lealdade baseada na confiança.

- Storge: É considerado o mais benéfico dos afetos. Acontece especialmente na família, entre seus membros. Normalmente é caracterizada como o amor dos pais aos filhos e outros membros do núcleo familiar. É o tipo de amor que nasce naturalmente, muitas vezes biologicamente e diferentemente de philia e Eros, em que o amor aparece de formas circunstanciais. É um amor considerado “pronto”, do nascimento.
- Filautia: "amor-próprio", sinônimo de egoísmo. Refere-se a uma atitude mental positiva e se engaja no autocuidado, autorreconhecimento e autovisibilidade (ou autoconsciência). Isto não é um senso de vaidade, mas uma consciência e aceitação de quem você realmente é mostrando-se compaixão em tempos mais escuros. Egoísmo. Os gregos dividiram ainda mais esse amor em positivo e negativo: um na versão doentia é o amor auto-obcecado e o outro é o conceito de autocompaixão.
- Xênia: Os rituais de ceder hospitalidade criaram e expressaram uma relação recíproca entre hóspede e anfitrião, expressa tanto em benefícios materiais (como a doação de presentes a cada parte) quanto em imateriais (como proteção, abrigo, favores ou certos direitos normativos).
- Pragma: [...] uma forma amadurecida e pragmática de amor, tendo envelhecido como bom vinho com o tempo. É comumente visto em cônjuges que são casados há décadas, e é algo pelo qual todos inconsciente ou secretamente ansiamos — a companhia que olha além de nossas limitações, mas nos ama por nossa frágil humanidade. Um amor em que somos aceitos incondicionalmente e nunca nos afastaremos. É difícil encontrar e leva muito tempo e paciência para cultivar companheirismo.
- Ludus: A afeição entre jovens amantes, a paquera, provocação compulsório-impulsiva e euforia infantil/instintiva de estar em um novo relacionamento é parte e parcela dessa forma de amor. Pessoas gregas achavam que o amor deveria ter um senso de diversão e brincadeira, não precisa ser sério o tempo todo.
- Mania: "transtorno mental" do qual o termo "maníaco" é derivado. Um desejo de manter o parceiro em alta estima e querer amar e ser amado dessa maneira, vendo especialidade na interação. Esse tipo de amor tende a levar um parceiro a um tipo de loucura e obsessão. Na roda de cores, é representada pela cor púrpura, pois é uma mistura ou desequilíbrio entre ludus e Eros.

Vale ressaltar que Aristóteles recomendava baseamos nossas relações no tipo de Amor Philia, pois Eros tem asas, ele vai embora, já a Philia é muito mais duradoura.

Enfim esses são os tipos de amor que os gregos falavam. 2500 anos depois aqui estamos com uma única palavra mixuruca para definir um universo de emoções. Sendo assim existe 'muito amor' para pouca linguagem, mas não para por aqui, isso é apenas a cereja do bolo. O que exatamente é o amor? Como nós o determinamos?

Alguns vão dizer que é algo construído, alma gêmea, monogamia, casamento, todos uma grande invenção do romantismo. Algumas pessoas sofrem por não se encaixarem nisso.

Outros vão dizer que a resposta se encontra na biologia. O amor nada mais é que um mecanismo evolutivo, um truque criado pela natureza para juntar as pessoas e garantir o futuro da espécie. Ao contrário do que muitos pensam essa hipótese não implica em nada que o amor se resume ao macho e à fêmea. Muito pelo contrário, o ser humano é um animal social que evoluiu no contexto das Tribos. O amor como uma expressão variada e coletiva faz todo sentido biológico tanto que está presente em várias outras espécies. (relações homossexuais)

Seja no sentido de construção ou no DNA, o amor começa no cérebro, assimilar isso é fundamental, pois permite criarmos esse dilema em três grandes vertentes: Neurociência, evolução e cultura. A soma desses três tópicos nos dá respostas do porque sofremos ou porque o amor acaba.

4.1- Neurociência

Nosso cérebro é especialista em atribuir significado onde não existe, começa na própria linguagem, as palavras que emitimos são sons, vibrações no ar. Isso viaja até o tímpano e o cérebro transforma em pensamento. Um dos maiores exemplos disso é a pareidolia¹

¹Pareidolia é um **fenômeno psicológico** comum em todos os seres humanos, conhecido por **fazer as pessoas reconhecerem imagens de rostos humanos** ou animais em objetos, sombras, formações de luzes e em qualquer outro estímulo visual aleatório.

Mesmo sendo mais comum a pareidolia de imagens, este fenômeno também engloba os sons, fazendo com que uma sequência de ruídos seja interpretada como palavras ou frases com algum significado para o ouvinte.

*Não consegui colocar nota de rodapé.

Pode parecer bobo, mas até onde a ciência sabe, não existe nenhum outro animal capaz de criar histórias com tão pouco, ou seja, o cérebro humano cria constantemente ilusões e busca significado, até mesmo onde não existe. Isso levanta uma questão: "Até onde podemos confiar no que sentimos?".

Cientistas analisaram um cérebro apaixonado, em um estudo feito no ano de 2005 e publicado pela "Medical News Today" com o título de "Falling In Love hits The Brain Like Cocaine Does" que traduzindo para o português: Apaixonar-se atinge o Cérebro como Cocaína. Descobriram algo interessante. O amor está muito mais para uma alucinação do que para uma simples emoção. Quando um indivíduo vê a pessoa amada, no experimento usaram uma foto, o cérebro entra em estado de transe, um efeito semelhante ao que a cocaína causa, bem estar, falta de apetite, euforia. O mesmo efeito de uma droga pesada. Isso explica porque o amor nos deixa bobo, drogas estimulantes agem no centro de prazer do cérebro, ou seja, sente prazer mais facilmente. Então para uma pessoa apaixonada é como se o mundo ganhasse cores, também explica porque é difícil esquecer alguém. Seria então para superar alguém é como superar um vício. Inclusive os efeitos são os mesmos: melancolia, abstinência até casos de depressão.

Nesse campo da neurociência já podemos concluir que o amor em estágio inicial é um estímulo que distorce a realidade. E como todo estímulo desse tipo ele perde a força com o passar do tempo, a razão tende a voltar e começamos a enxergar as coisas menos coloridas.

4.2 Evolução

Aqui conseguimos entender porque o amor não é eterno. Há mais ou menos quatro milhões de anos, o ser humano passou a ficar de pé. Essa adaptação trouxe vários fatores positivos para a espécie, tendo as mãos livres a espécie pode desenvolver ferramentas, lascas pedras e por aí vai. Mas tudo isso teve um preço e quem pagou foram as fêmeas, para sustentar o peso da coluna a pélvis precisou ficar mais estreita, dificultando o parto humano.

Por exemplo, uma lhama dá a luz em duas horas no meio do mato, já o parto humano pode levar até 24h e mesmo com a modernidade da medicina, ainda existe risco de vida. Para conter tal obstáculo a seleção natural prevaleceu o nascimento prematuro, o maior problema do parto é o tamanho da cabeça do bebê, então as crianças que chegavam ao mundo mais cedo tinham menos chances de ficarem “entaladas”, por isso houve uma pressão para que a gestação humana diminuísse. Foi engenhosa, mas gerou um novo problema, crianças subdesenvolvidas. As crianças humanas não durariam na natureza. Quando um bebê lhama chega ao mundo, dentro de duas horas ele já consegue ficar de pé e até mesmo correr, em 1 ano ele já explorou terras e já migrou. Enquanto isso, no mesmo período de tempo a criança humana está começando a caminhar.

Mas onde quero chegar com tudo isso, segundo a antropóloga Helen Fisher, graças a essa condição das crianças humanas houve uma pressão evolutiva para que dois indivíduos se unissem, pelo menos por tempo suficiente até os bebês deixarem de serem tão independentes. Talvez explique porque a fase mais intensa do amor dura de 2 a 4 anos, ou porque nos derretemos quando vemos traços que nos lembram um bebê. Um cérebro programado para proteger os indefesos. E por último explica porque o amor se manifesta de maneiras tão diferentes, tem haver com a natureza no homo sapiens, chegamos ao mundo com cérebro mal formado e flexível e isso permite a assimilação de conceitos, inclusive a infância humana é a mais longa dentre os primatas, isso está diretamente relacionado a nossa inteligência. Por isso pode existir dois indivíduos humanos de nível biológico semelhante, mas que acreditam em coisas distintas. Isso nos leva à Cultura.

4.3 Cultura

Até onde a cultura influencia em nossas opiniões? É interessante pois muitos esquecem dessa relação. O conceito de amor varia de cultura para cultura e de pessoa para pessoa, acontecendo de forma até mesmo inconsciente. Talvez por isso haja tanta confusão dentro da relação, existem pessoas que passam a vida inteira tentando se adequar à monogamia.

“75% dos homens e 68% das mulheres admitiram ter traído [...] No entanto, apenas 5% das pessoas acreditam que serão traídas” (BBC, 2019).

Também há quem coloca uma expectativa imensa em um ideal de romance e quando não sai como o esperado a pessoa sofre de maneira que, ao falhar no amor, seja sinônimo de falhar na vida.

Para essas e outras podemos entrar consolo na filosofia. Renato Nogueira fala em seu livro 'Por que amamos' sobre "o amor como diplomacia", uma perspectiva muito interessante.

Muito se fala sobre a comunicação no relacionamento, mas do que adianta falar e não ouvir, aqui entra a diplomacia, considerando tudo que foi dito dentro deste tópico concluímos que o amor é diferente um do outro. O que chamamos de amor, na verdade seria um universo de variáveis, então quem amamos não seria nossa alma gêmea, mas sim um estrangeiro com sua própria cultura, costumes e linguagem.

Amar então seria uma hospitalidade. Imagine estar recebendo um estrangeiro em sua casa, um bom anfitrião não impõe seus costumes ele tenta entender o hóspede e se esforça para ele se sentir em casa e, claro, esse esforço tem que ser recíproco, afinal falamos do encontro de duas culturas, para o outro você também é um estrangeiro.

O truque da paixão é que ela camufla a realidade. O amor recente faz vermos o outro como espelho, pode não ser um reflexo perfeito, mas muito familiar, como se aquela pessoa fosse nos entender em qualquer circunstância, mas isso é apenas ilusão, por razões biológicas e razões evolutivas esse efeito não dura para sempre e quando ele acaba é comum achar que a outra pessoa mudou e muito provável que isso também seja uma ilusão. O realmente mudou foi à percepção, quando passa à euforia da paixão tudo fica mais claro que quem na verdade está na frente não é o reflexo e sim o estrangeiro por isso não existe futuro sem diplomacia.

Como se sentir em casa com alguém que não fala sua língua? Imagine se esforçar para entender a cultura e a língua daquela pessoa, mas ela não demonstra interesse na sua, então quando você manifesta emoções ela não entende, pois não falam a mesma língua, ou seja, no ponto de vista existencial e como se você estivesse todo o tempo só aqui cabe à questão "você seria feliz sua vida inteira falando sozinho?".

O amor como diplomacia, nos mostra a verdadeira hora de ir embora. Quando você não se sente em casa em uma relação, o outro não fala e nem se esforça para

entender sua língua é hora de se mudar. Sim, mudanças assustam, mas a solidão dentro de uma relação é muito pior.

CONCLUSÃO

Um processo importante é o de falar e ouvir o que estamos falando, por isso consideramos a terapia tão importante. É nela que mais exercitamos isso, é nesse processo que muita das vezes damos nomes às coisas e algo só passa a existir quando as nomeamos, pois passamos a saber e lembrar delas.

O amor é recíproco, então é errado dizer que “sofre por amor” quando não há correspondência em alguma das partes. É por isso a importância de nomear algo. Sabendo desta informação, o que há entre esse indivíduo que tem sentimentos e o que não corresponde não é amor. Podemos dar outros nomes a esse sentimento, isso varia de caso a caso.

Um pensamento de Bauman é que para ele o amor líquido não é amor, a capacidade de amar ou o conceito de amor está inteiramente ligado com a habilidade de construir algo e dar a esse algo novas roupagens com o tempo. Habilidades de redialogar, rediscutir e reconstruir os conceitos de amor.

Então se o amor é recíproco, quando mais assimilar isso, menor ou não existirá a sentimento de medo, o se fechar para uma relação mais profunda para com o outro. Entender que cada pessoa é um universo e que mesmo tendo uma construção com alguém o amor acaba – aqui vale ressaltar que existe uma diferença entre amar e amor, amar é o ato de demonstrar e amor é um sentimento, para Bauman amor é uma única vez.

É importante também entender a importância do ‘deixar ir’. Relacionamento não é uma prisão, existe sim um momento de encerramento, seja por uma relação que se acabou ou por fatores externos. Tudo bem que existe um modo de se relacionar na atualidade que parece um mercado, mas a busca é justamente pelo equilíbrio. Nem tão fixos em uma ideia de eternidade, nem tão influídos a ponto de nunca se entregar a nada. As relações podem ser levadas de uma maneira leve, tudo depende de como nós nos portamos dentro dela.

Há um texto de C.S. Lewis em “Os quatro amores”, que vou me utilizar dele para encerrar:

“Amar é sempre ser vulnerável. Ame qualquer coisa e certamente seu coração vai doer e talvez se partir. Se quiser ter a certeza de mantê-lo intacto, você não deve entregá-lo a ninguém, nem mesmo a um animal. [...]. O único lugar além

do céu onde se pode estar perfeitamente a salvo de todos os riscos e perturbações do amor é o inferno”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FUKS, Rebeca. Livro O Banquete, de Platão. **Cultura Genial**. Disponível em <https://www.culturagenial.com/livro-o-banquete/>. Acesso em: maio de 2022.

PALAVRAS GREGAS PARA O AMOR. **Wikipédia**, 27 DE ABRIL DE 2022. Disponível em <https://tecnoblog.net/responde/referencia-site-abnt-artigos/>. Acesso em: dezembro de 2021.

PAREIDOLIA. **Significados**. Disponível em <https://www.significados.com.br/pareidolia/>. Acesso em: dezembro de 2022.

LAUB, Michel. Uma definição de romantismo. **Michel Laub**, 12 de março, 2012. Disponível em <https://michellaub.wordpress.com/2012/03/12/uma-definicao-de-romantismo/>. Acesso em: janeiro de 2022.

AMAR É SEMPRE SER VUNERÁVEL. AME... C. S. LEWIS. **Pensador**. Disponível em <https://www.pensador.com/frase/NDI1NjA/>. Acesso em: maio de 2022.

TEMPERO DRAG. Rita em 5 minutos: monogamia. **Youtube**, 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Px2dVBIUq1k&t=67s>. Acesso em: abril 2022.

CASA DO SABER. Cinco pensadores para entender o mundo – Bauman: o mundo líquido | Luis Mauro Sá Martino. **Youtube**, 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8Xlp1mfMAI8>. Acesso em: novembro 2021.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido. 1º edição. Rio de Janeiro: Zahar, 21 junho de 2004.

GOETHE, J. W. Os Sofrimentos do Jovem Werther. 1º Edição. Porto Alegre – RS: L&MP POCKET, março de 2001.

NOGUEIRA, Renato. Por que amamos: O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. 1º Edição. Rio de Janeiro: HarperCollins, 17 agosto 2020.

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos. 1º Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 24 junho de 2004.

80% da parte científica desse artigo foi baseado no trabalho da antropóloga Helen Fisher, que estudou a atração romântica interpessoal por mais de 30 anos.

BIBLIOGRAFIA

LUDO VIAJANTE. Porque a gente ama? | a ilusão mais poderosa da mente. **Youtube**, 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=k2FHq_pXEIk&t=190s>. Acesso em: janeiro de 2022.

LUIZ FELIPE PONDÉ. O amor é amaldiçoado pela monogamia? | Luiz Felipe Pondé. **Youtube**, fevereiro de 2022. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lqhxcwbMoVc>>. Acesso em: maio 2022.

HARARI, Y. N. Sapiens – Uma breve história da humanidade. 51° Edição. Porto Alegre, RS: L&PM, abril de 2015.

FISHER, Helen. Por que ele? Por que ela? 1° Edição. São Paulo: Rocco, 7 junho 2010.

BRASIL É O SEGUNDO PAÍS QUE MAIS TRAI; LOCAL PREFERIDO DE INFIÉIS É A WEB. **Correio Brasiliense**, 14 de outubro de 2015. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/10/14/interna_tecnologia,502440/pesquisa-mostra-xxx.shtml>. Acesso em: janeiro de 2022.

GEHER, GLENN. Why we Love. **Psychology Today**, 21 de dezembro de 2016. Disponível em <<https://www.psychologytoday.com/us/blog/darwins-subterranean-world/201612/why-we-love>>. Acesso em: janeiro 2022.

NORDQVIST, Christian. Falling Is Love Hits The Brain Like Cocaine Does. **Medical News Today**, 27 de outubro de 2010. Disponível em <<https://www.medicalnewstoday.com/articles/205973#1>>. Acesso em: janeiro 2022.

RETTNER, Rachael. ‘Romantic Love Is an Addiction’, Researchers Say. **Live Science**, 6 de julho de 2010. Disponível em <<https://www.livescience.com/6695-romantic-love-addiction-researchers.html>>. Acesso em janeiro 2022.

SMITH, E. E. There’s No Such Thing as Everlasting Love (According to Science). **The Atlantic**, 24 de janeiro de 2006. Disponível em <<https://www.theatlantic.com/sexes/archive/2013/01/theres-no-such-thing-as-everlasting-love-according-to-science/267199/>>. Acesso em: janeiro 2022.

CHAPMAN, Heather M., Love: A Biological, Psychological and Philosophical Study. **Digital Commons**, Island, p.29 - maio de 2011.